



## O M A G I C O .

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & Ayres, rua d'Alfandega n. 135.—Assigna-se a 500 rs. por mez.

---

**DOMINGO I DE FEVEREIRO DE 1852.**

---

*A' Illustrre Redactora do Jornal das Senhoras.*

*Segunda Carta.*

A' mais de 15 dias, que tive a honra de remetter a V. S. por meio de uma pessoa, que não lhe deve ser extranha, uma carta convidando V. S. para uma discussão franca sobre a emancipação da mulher, e na mesma atrevia-me a propor-lhe algumas de minhas argumentações contra essa doutrina.

Esperei até domingo, pelo seu jornal, uma resposta directa, como lhe tinha sido proposta a discussão, porém V. S. não me julgou digno disso, e só na sua folha de domingo 25 é que, como quem não quer a couza, me responde indirectamente sob o pretexto de explicar as suas ideas sobre a emancipação.

Eu devera ficar satisfeito com isto, devera ter-me louvado por haver feito V. S. recuar ante as suas ideas, e vel-a nessa explicação que nos deo d'ellas, firmar o principio de subjeição da mulher moral e fisica ao homem, em contrario ás ideas adiantadas em outros numeros de seu jornal.

Mas como sou naturalmente teimozo, e como quero que V. S. diga isto mesmo, não como explicação de suas ideas, mas sim como conhecimento de um erro de seu pensamento, por isso ainda volto

de novo a combate, e principal-o-hei por responder a esse artigo a que me tenho referido.

Antes disso permittir-me ha dizer-lhe, que difficil é argumentar com quem receia a manifestação do fim a que quer attingir, e procura occultal-o sob palavras que soão bem aos ouvidos, que nos li-sonjeiã o amor proprio, e que nos festejão o orgulho. Em cazos taes, eu ponho de parte tudo, e caminho direito ao fim para attacal-o rompendo esses gazes dourados e matizados que nol-o encobrem.

No primeiro numero, o que foi que dice V. S. ?

Que grito levantou?!..

A emancipação da mulher.

Fallemos d'isso, argumentemos sobre essa baze, e deixemo-nos de bonitas palavras que só podem illudir infantes e imbecis.

O que quer dizer emancipação, em bom portuguez ?

Vejamos o que nos diz Constancio : *Acto pelo qual o filho cessa d'estar no patrio poder*

E Fonceca : *Acto em o qual o filho sahe do patrio poder.*

Apliquemos esta difinação à mulher : *acto pelo qual a mulher deixa de reconhecer o poder marital !*

Horriavel propozição ! sedicioza e aniquiladora !

Acazo com esse grito, nos podereis fazer crer, que tendes em vista só fazer uma boa mãe de familia ? !

Se estivessemos na Turquia ou na China, inda poderiamos acreditar-vos, porem nunca aqui entre nós, onde as mulheres gastão montes de dinheiro em sua educação pelos ramos d'instrucção, e prendas feminis com que os paes adornão a belleza de seu fizico.

Então para que nos dizeis, como explicação de vossas idéas, que não quereis que a mulher seja official de marinha, doutor em leis, empregado publico etc ? !

Julgareis, que nos arripiamos com esse grito, com receio que as mulheres invadão nossas profissões ? !

Não nos julgueis tão nescios: nós sabemos muito bem, que a mulher não póde passar alem d'aquillo que a sociedade civilisada lhe tem reservado.

Não quereis que a mulher seja medico, inda que julgais preciso o conhecimento de medicina para ser boa mãe de familia, porque enfim lá è preciso um remedio cazeiro para um defluxo ou constipação: mas então o que quereis fazer da mulher ?

Quereis illustral-a !

Isto é, quereis que em quanto os filhos precisam remendar uma calça, ella estude Geographia, que em quanto chorão por falta d'alimento, ella lêa historia, em vez de lhe dar a mama : que em quanto o marido s'afadiga na rua para ter sua caza farta e limpa, e seos filhos bem pensados e asseitados, ella abandone seo lar para ir ouvir licções de mathematica !

Ora perdoe-me, mas isso não tem o cunho da razão.

Diz V. S. no principio do artigo á que me refiro : " A appari-

ção de uma doutrina nova elles (homens?) se revoltão contra ella só por instincto: não a conhecem, não a profundão, e sem mais cerimonia elles a fulminão.”

Primeiro que tudo dir-lhe-hei, que a doutrina não é nova, e ella tem sido propagada por muitos utopistas e por muitas senhoras d'instrucção, que julgão todas as mulheres com a mesma capacidade intellectual que ellas, e querem fazer do sexo feminino uma sciencia viva e ambulante, que acalente seos filhos com orações de Demosthenes e de Cicero, em vez dos nossos canticos populares, que lhes ensinem a andar com preceitos geometricos de Legendre, e que lhes ensinem a fallar com os algarismos de Bezout!

Nós homens nos revoltamos contra esse grito, porque elle é uma injuria, um insulto, que nos fêre em nossa delicadeza, civilidade e amor. E' uma injuria que se faz á sociedade, que ella não merece, porque desde o Cristianismo, que as mulheres forão reabilitadas, e que formão a parte mais sua querida e estimada.

Não precisamos conhecer, nem profundar essa doutrina, quando vemos seos pregadores pregarem o que escrevestes no fim desse artigo.

*O livre alvedrio é um facto metaphysico que, comquanto assim o seja, existe, logico e irrecusavel, como uma cifra arithmetlica.*

E havemos permitir que nossas filhas s'eduem sob estes principios?!

• Nem um *Jornal* que prega taes idéas deve ter entrada no centro de familias!

A mulher que quizer ter *livre alvedrio*, que não se caze.

Póde *illustrar-se* a seo gosto.

E o homem deixará de ter em sua caza, uma trouxa que de nada sirva, e que quando dê signal de si seja para atormental-o.

Até outra vez.

De V. S. Attento Venerador.

*O Homem.*

---

## O QUE EU PENSO.

Ha uma lacuna em nossa educação, que é a causa principal deste estado ignobil em que vivemos, e vem a ser a falta de religião. Milhares de exemplos temos diante dos olhos que nos levão a crer firmemente, que se houvesse mais zelo nesse ponto da parte de nossos educadores, certamente haveria mais constancia e mais fê; os homens se amarião como irmãos, não serião tão aváros e orgulhosos e consequentemente serião mais felizes. Innumeraveis são os quadros hediondos de nossa triste situação; é mister lançar sobre esse terrivel panorama nossos olhos com bastante attenção, não com o fim de divertirmos-nos com os males alheios (até mesmo porque os males do proximo devem tornar-se em males nossos), porem com



o intuito de envidarmos nossas forças ao melhoramento da nossa enferma Sociedade. . . . .

Aqui vemos um homem de boa fé, e d'alma bem formada que se não houvera recebido uma educação difficiente certamente seria um bom chefe de familia e consequentemente um optimo cidadão; porem que desconhecendo os meios de educar, porque tambem não foi educado, julga e firmemente crê que todos os seus deveres se cifrão em trabalhar de maneira que estabeleça lauta subsistencia á sua familia, todos os fastos e em summa tudo quanto pode offerecer-lhe uma vida ociosa (ao que chamão commodidade), e ainda um futuro cabedal; entretanto que curando so em alimentar a materia, deixa o espirito esfaimado atirar-se faminto ao pasto dos vicios, e cedendo envenenar-se nas agoas da corrupção. Tão activo no trabalho e nos meios de adquirir oiro, quão negligente em formar a baze onde se assenta a verdadeira felicidade, deixa de despertar no espirito da mulher e dos filhos o *amor de Deos*, unica força motriz capaz de abalar o coração humano e despegal-o das fibras da sensualidade, e bem longe de conduzil-os á missa, ás confissões, convidal-os aos jejuns e a cumprirem em fim todas as leis prescriptas ao Christão é elle o proprio que contraria e até prohibe o cumprimento desses preceitos, imbecil, tentando demonstrar a inutilidade delles e até que são perniciosos. Mas ah! que sem que o conheças alimentas a serpe que te hade um dia devorar !!! e se não dize-me: não é a mulher um ser construido á tua semelhança, e por consequencia susceptivel como és das mesmas impressões, e sujeita ás mesmas necessidades? e esqueces que tu assassinado moralmente victima do ludibrio e da deshonra ficarás se ella entregar-se ao deleite que a todo instante nos fascina os sentidos? e esqueces tambem que se ella firmemente conhecesse o mal que praticasse e que de nada serviria tentar fazel-o ás occultas, porque a Deos nada se esconde, e que se ainda conhecesse que esse Deos é juiz severo e que a cada culpa immutavelmente determina um castigo correspondente, ella saberia fechar os olhos aos tentadores encantos e poderia viver no centro das seducções que teria bastante força para vencel-as, porque a idea de Deos, de sua vista infinita e de sua recta justiça, seriam poderosos correctivos ao livre curso de suas intensões contra o peccado? E então como abandonas esse despertador que com magia accorda sem cessar em nossa mente a lembrança de nossas culpas e nelle imprime a viva imagem do juiz que hade julgal-as, — a Igreja? Como desprezas o unico crisól do nosso espirito, o meio de correcção suave consolador e edificante, a religião? E septico continuas a duvidar da verdade? E o que será de tua mulher, de teus filhos, e de ti mesmo? Abre os olhos, arranca a venda da ignorancia que te cega, e vê o resultado de tua louca pertinácia. . . . .

---

*Amanhã às mesmas horas.*

São 10 horas da noite, ainda se escuta as vibrações do som do toque a recolher de S. Francisco. e já todos os habitantes desta cidade fechando suas portas se vão entregar ao repouso. nos braços de Morphêo. Sô aqui ou alli se vê um ou outro viandante que pressuroso se recolhe talvez temendo a solidão da noite.... Oh! a solidão aterra a muita gente!... São nessas horas de silencio em que a alma isolando-se dos objectos exteriores reflecte sobre si mesma e a memoria das culpas apparece descarrecando sobre o culpado o pezo do remorso; e é por isso que o criminoso nunca pode estar sô e sempre busca a companhia dos prazeres. Mas ainda assim o homem é feliz porque tem em seo auxilio meios locumutores com os quaes elle se transporta para onde mais lhe convem e se evade daquillo que o incommoda; e eu? condemnado pela natureza a não ter movimento proprio, e pelos homens a passar toda a minha existencia postado em uma es uina, immovel quedo presto-me ao serviço que elles me sujeitarão, e imovel, quedo, suporto tudo que querem de mim fazer: é triste ser lampeão!

Aqui vem um homem que à primeira vista encarado é um moço e bem parecido; tem um porte ellegante e um andar de bailarino; porem agora que a minha luz melhor reflecte sobre seo rosto se vê nelle estampados os traços de unia velhice prematura; é moço e velho ao mesmo tempo: que rosto enganador! Se o seo coração for assim, safa!.... Para mim se encaminha... parou! temos alguma: querera dar-me algum refresco de ourina? pois olhe, é de todas as couzas, a que estou sujeito, a que mais me custa a suportar; porque fico nojento, e nesse estado a minha vista e o meo cheiro incommodão aos meus bons passageiros. Peza-me na realidade ver passar uma senhora bem vestida e desaparecida sujar o seo vestido, a renda da camiza, o sapatinho e a meia e com razão arrenegada praguejar-me chamando-me de immundo: ora ella tem razão, porque em fim ninguém gosta de parecer sujo, ainda que sujo ande interiormente, porem mais razão teria se em vez de praguejar-me lançasse as suas pragas sobre esses porcalhões, indecentes que não guardão as suas necessidades para casa, e sobre os encarregados da policia dos lampeões, que se limpão e o azeite deixando-lhes sô ficar a quarta parte do que deverão ter, e por isso se apagão tão cedo... Bravo! é uma cartinha de amores que o sujeito tirou d'algibeira e que está lendo; está feito lá isso pode suportar-se.... Mas quem é aquelle vulto que ali vem saltando da calçada opposta para esta? Ah sim já vejo; é um *leal* official de marinha que em vez de passar o tempo no seo gubinete, ou a bordo, a estudar aquellas sciencias accessorias à arte de navegar, onde ha tanto que aprender, sô se emprega em estudar os meios de que hade lançar mão para seduzir e deshonrar mulheres, quer sejam cazadas, solteiras ou viúvas, qorque o pifio nada respeita. Ah! vem elle de fallar com alguma, pois traz uma cartinha na mão que abre com presteza, e a mim se dirige ansioso de ler o que ella contem para ver se mesmo esta noite pode atirar mais uma victima no abysmo onde ja tantas tem submergido.

Estão tendo, e tão entretidos que nem dão fê um do outro. Nada é mais irrisorio do que ver as carinhas destes dois melquetrefes que nas pontinhas dos pés, buscão traduzir a toda pressa, nos mal traçados garranchos as noticias que lhes traz o correio amatorio: o bailarino tem os olhos injectados de sangue; a testa enrugada pela raiva, e o azedume do despeito debuxado n'um riso sardonico que lhe paira nos labios, e o official de marinha tem no rosto estampada a alegria do avarento a quem faltão poucos instantes para gozar o thezouro que ambicionava. Que contraste singular! o primeiro enraivecido exclama furioso: cantoneira de mil diabos, que distruis a minha felicidade.... e o outro convulso de prazer rindo loucamente diz cheio de amor e ternura: "Meo anjo tu és a cauza da minha ventura e todo enthusiasmado agarrou o baillarino pelo peito da cazaca e o sacodio duas ou trez vezes com tal força que o fez gritar desapontado; Vm. está doudo?

— Sim, meo amigo, mas é de prazer, tenho hoje uma conquista..... Oh mas eu não podia duvidar, aquelles olhos, cheios de movimento e de vida, me dizião que aquelle coração era por demais sensivel para resistir às impressões do me igeno som da flauta de amor mormente quando ella é tocada por um habil musico em cantigas amorosas como é este seo criado, meu amigo.... mas então desconfiou comigo?... vejo-o ainda zangado.... e este papel que maxuca nas mãos?... Ah é talvez alguma repulsa?

— Antes fosse....

— Pois o que é então?

— Uma mulher que me persegue, de quem não posso livrar-me que pretende destruir toda a minha felicidade.

— Oh conte-me isso porque desde já me interesso pela sua sorte e posso ajudal-o muito nesse trance.... eim?... ouvio o canto ranger d'aquella porta que se abre subtilmente? pois é a prova mais autentica que lhe posso dar de que lhe posso ser útil.

— Comprehando,



— É um triumpho um triumpho que hoje tenho... Adeos, meo amigo, eu vou depressa agarrar aquella presa antes que fuja do laço que lhe armei; porem conte com o meo auxilio e então amanhã, a estas mesmas horas, aqui me achará prompto a ouvil-o e livral-o da sua perseguidora..... amanhã ás mesmas horas.

— Amanhã as mesmas horas.

E vós leitores, não receeis que vades perder esta sessão nocturna que importa, talvez muito à moral publica e à sorte de muitas familias, porque aqui fica á espreita para tudo centar-vos o:

*O Lampeão de esquina.*

---

## UMA EXECUÇÃO.

*(Remessa ao auctor das Divagações.)*

Quando fizemos o nosso primeiro artigo publicado no *Magico* n. 8, não tivemos outra couza em vista que soltar um grito d'indignação contra o escandalo que teve lugar, esse exercicio de um poder, fatal sim, mas necessario da nossa sociedade, e estavamos bem longe d'esperar, que houvesse quem aplaudisse esse escandalo, e que mais escandalosamente endeosasse o crime!

Fomos nesse artigo severos, talvez de mais, para esse religioso que fez a pratica, que não ponderou bem o alcance de suas expressões para um auditorio, captivo e estúpido, que o escutava e que podia d'ellas se servir, e d'ellas fazer um punhal para continuar seos crimes, e inda que essas expressões imprudentes podessem ser desculpadas pela irreflexão do fogo da sua improvisação, e mesmo pela dôr christãa, que devera sentir ao ver o fim desgraçado de uma creatura de Deos, de uma ovelha do rebanho humano, trovejamos contra elle, e se fomos superior d'elle inda fariamos mais.

O que faremos hoje? Deixaremos correr esse artigo sob a epigrafe *Divagações*, publicado no *Magico* n. 10, sem chamar-mos a indignação publica sobre elle? L...

Não seria muito justo, e nós somos amigos do justo.

O auctor do artigo foi demasiadamente imprudente e irreflectido etanto mais imprudente e irreflectido quanto suas expressões devião ter sido maduramente consideradas. Foi talvez uma leviandade, uma destas loucuras de momento, que trazem depois de si annos de arrependimento, e que não deve excitar senão a compaixão e a commiserção. Nós assim queremos antes acreditar-o.

Esperamos a continuação d'esse notavel artigo, para então entrarmos em uma refutação a todas as suas proposições,

Não podemos fechar este artigo sem extranharmos ao redactor do *Magico*, que franqueie suas columnas a artigos dessa qualidade, e que são uma viva censura ás nossas leis, e a todos os principios organicos de nossa sociedade. Somos seo amigo, e por isso quizeramos vel-o afastar para longe qualquer motivo que desse de si uma idéa menos lisongeira e favoravel da que se torna digno por seos principios e qualidades pessoaes

*J. J. Duarte.*

## MISCELLANEA.

*Novidades tiradas com dous páuzinhos.*

— Ha um ensinador de instrumentos (parece-me que é mais forte em piano) que ensinando a Saloia, teve em troco um beijo. Como o sujeito é cazado e tem familia, dezejavamos saber em que *notas* faz o seu accorde, ou se vai só cantar a modinha. — “O Saloia dá me um beijo que eu te darei um vintem” — Apanhei com um pausinho a noticia de que vai ensinar *solfa de fá flajoleta*. Ora isto é feio. O homem se continúa assim não lhe rende o officio.

— Aula publica do jogo da malha quem quizer frequentar é preparar-se para fazer *vinto* em alguma perna ou canella daquellas pessoas que passarem pela rua de S. Diogo lá onde tem umas carroças. Os dias não são determinados, mas os gaiatos que quizerem tomar lição é pegar so nas malhas quando estiver algum jogando, como é costume. Tambem ha outra na rua de S. Francisco da Prainha.

— Na Procissão que assistimos ultimamente, vimos um irmão de habito da Conceição, e na fileira com os outros, porem com uma ordenança atraz de si!! Oh! não sei o que significava isso! Esse soldado tambem era irmão? Um acto religioso tambem tem honras profanas? Estaria persuadida essa *soa* que estava em algum navio? ou é moda andar se mostrandome *que* é por toda a parte, como já foi moda pintar-se comendas na <sup>500</sup> do bote?

*Certo Personagem* — de meia idade precisa *uma* cabelleira afim de não passar por impolitico, conservando-se de chapeo *na* rua, quando está a fazer amoradas dedicatorias a *mimosa* *ciudadã* da *do* Ouvidor; pois ficará fumando si se ver forçado *ou na dura nece.sidade* de descobrir o famoso londrino na presença de tão amavel dulcinea; porque então, adeus *futrica*!

— Preciza-se de uma pessoa para andador, continuo de uma Secretaria, e moço de recados para uma ordem terceira, para cujo fim perceberá da ordem um vantajo *so* ordenado, pois Nossa Senhora sabe recompensar com generosidade a quem a serve bem; principalmente tendo devoção com S. Joaquim, Santa Maria e S. José que são os predilectos do Salvador.

— Encontramos um sujeito de palitô azul, muito largo e mal feito, e chamemos de philosopho, como é costume misturar a *sciencia* com os trapos. O homem estava pensativo tomando distancia em uma das ruas do passeio publico — Bom dia! — obrigado como passou? — soffrivelmente — Foieste o primeiro entroito do encontro. — O que fazes? — Eu?! diz o passeante estou aqui formulando um projecto gigante que quero apresentar a Santa Caza. Houve uma lembrança de fazer-se assentos nas Igrejas para quem fosse ouvir Missa, eu agora faço um projecto para a misericordia arranjar uma companhia e receber dinheiro dos *assentos* do publico. Supponho que tomando ella isso por empreza, emprehende-se logo e chucha-se logo. Que dizem? — Ora não te demores porque eu já estou cansado de estar em pé.

— Do telegrapho phosphorico cahio a noticia de que um paideiro da rua de S. P. (socio de bailes) pede algumas meninas para irem aos ensaios, e depois abuza da confiança e as leva para os beliquetes. Ora não se dá!

— Entre a classe dos Barbeiros ha diversas qualidades de *gentilezas politicas, cortezias* e costumes. Um da rua do Cano, estava barbeando um freguez quando entrou uma visita de duas *madamas*, o rapagão larga o freguez com a cara ensaboada de um lado e rapada do outro, e foi (*desconfio*) fazer a barba ás visitas que (*desconfio*) seria mais macia e facil. Não sei de que volume é esta civilidade, porem damos a noticia; porque quem quizer barbear-se agora, pergunte sempre se ha algumas barbas de mulher vindas ou por vir, para que o freguez não esteja sentado e exposto na loja com a cara mascarada de sabão.

— Ha quem tenha encontrado algumas praças da ronda de policia com seos abanos de palha por cauza do calor que faz á noite. Não sabemos se isto é do uniforme, ou é permissão de quem as dirige.

— Naufragou a orchestra da Sociedade Fidelidade, salvando-se a nado uma rabeca e um violão; consta que o resto dos instrumentos forão arrojados pela maré á praia do esquecimento, e os dois primeiros salvados, achão-se em perigo de vida; se não escaparem desta, creio que teremos de dar sueto ás canellas por muito tempo.

— E' uma cocadinha pucha, um pé de moleque que se dá a quem descobrir o motivo porque os phosphoros estão tão baratos, e as torcidas para lampião, que por mais que se offereção pelas portas ninguem quer, e tamb<sup>em</sup> a razão porque ha tanta gente pedindo esmola de dia e de <sup>noite</sup> <sup>faz</sup>; com uma caza de Correccão tão grande; a cauza de anda<sup>essa</sup> tanta gente quasi podre de feridas e molestias pela rua, quando <sup>foi</sup> uma caza de *Misericordia* maior que a Arca de Noé!!! Quer descobrir essa incognita póde com qualquer moedinha de dez reis receber o premio em algum taboleiro de doceira.

---

## CHARADAS.

Sempre fui bem conhecida

Do berço como primeira — 1

Posso ser de pau ou lona

As vezes tambem d'esteira = 2

Eu conheço um sujeitinho,

Que este nome lhe dão

Será por astucioso?

Ou será por tóleirão?

Na musica — 1

Nas arvores = 2

Sou diminuta porção

E termo muito vulgar.

Eu não estou no mar, só no rio; — 1

Das cascás sou, bem partidas; — 1

Não me atormentes com isso.

---

A significação das ultimas charadas é, da penultima — Minhoca — da ultima — Locutorio. —



# FOLHETIM DO MAGICO.

---

(Continuação do numero 11)

— Oh! meo Deos! que quer dizer tudo isto! murmurou surdamente Marianna.

— Vós não comprehendéis os segredos da côrte, diz Landini. Vós não sabeis....

— Enganais-me, Landini, exclamou Marianna, não foi o marquez que me mandou roubar, não póde ser elle... Não, não... não foi elle.

— E porque não póde ser elle? diz o alchimista.

— Porque....

Marianna callou-se: mas se a noite não fosse tão profunda, Landini teria comprehendido ao ver o rubor de Marianna, o porque ella devia suppôr não ser o marquez quem na fizera roubar. Depois de um instante de silencio, ella replicou:

— Pois bem se foi o marquez quem me mandou roubar, levai-me a elle. Eu quero vel-o... quero lhe fallar.

— Não è essa minha tenção: podeis ser vista no castello e então... temos o caldo entornado.

— Sobre minha alma te juro, diz Marianna, salvar-te se me lewares a Monaldeschi. Será uma traicção, que te salvarei.

Landini reflectio muito tempo, e respondeo:

— Assim seja: em um quarto de hora estaremos em Fontainebleau, em um quarto de hora vereis Monaldeschi. Não vos occupeis comigo, eu me salvarei bem a mim mesmo.

Em verdade, decórrido esse tempo, chegarão ao pè do castello do lado, onde a galeria de Diana e a galeria dos Veados s'estendião até aos fòssos, que o rodeavão nesta epoca.

Descendo, Landini e Marianna inda ouvirão os gritos da orgia, que continuava no sallão de Diana.

Chegados de vez ao castello, Landini abriu uma porta baixa, e introduzio Marianna por um corredor subterraneo. Em fim chegarão a uma segunda porta, que Landini ainda abriu, e se acharão em uma camera fracamente alumada por uma lampada.

— Ficaí aqui, diz Landini á moça; eu vou dar parte ao marquez da vossa chegada.

Apezar de preocupada, a moça examinou o lugar aonde tinha sido levada, e reconheceo que estava no laboratorio do alchimista. Vio então que, se a porta por onde elle tinha sahido, era como as portas ordinarias, a outra por onde tinham vindo estava occulta de sorte, que era preciso conhecer a sua existencia para descobri-la. Deitou-se a procural-a, por uma precaução que ella mesma não soube explicar-se.

Um temor instinctivo levou-a a suppôr, que teria precisão d'ella para fugir, e tractou d'assegurar os meios para isso. Em verdade, estava fechada em uma prizão subterranea, onde o homem que a tinha trazido podia sepultar seu crime com ella. Depois examinando particularmente o quarto, era uma mistura de livros, retortas, cadinhos, fornallas, manuscriptos, animaes empalhados, esboços de constellações, espheras nas estantes d'envolta com vidros de todas as formas. E como seus olhos se hão ja acostumando á fraca claridade, que desferia a lampada, assentou-se em um banco, e começou a reflectir.

Não era com tudo, a preocupação de uma moça exposta a um perigo presente: havia, nas reflexões que a agitavão, um combate em que sua consciencia tomava parte: Marianna era culpada: quando se tinha admirado tão vivamente de que Monaldeschi a tivesse mandado roubar, era porque Monaldeschi não tinha nada a ganhar com esse roubo, porque desde um mez que ella tudo lhe tinha dado.

Temos a explicar este amor da filha para um homem, odiado tanto pelo pai: não queremos mostrar como esse amor nasceo precisamente deste odio, como Marianna olhou por isso mesmo mais attentamente para esse homem, que seu pai tanto accusava, porque seria preciso reconhêcer que houve mistura nessa paixão d'esse espirito das mulheres que as inclina muitas vezes ás pessoas ou ás couzas, que se pretende excluir de seu affecto. Talvez Julieta não amasse tão rapida e ardentemente Romeo, se elle não se chamasse Montaigu, e ella Capuleto: talvez tambem que a rivalidade de uma rainha, longe de assustar esta moça, não fizesse senão excital-a. Depois Monaldeschi, era um destes homens, que agradão facilmente ás mulheres: tinha uma belleza apai-

xonada, que dava um encanto notavel á adulação sempre amorosa de suas menores palavras. Elle fazia profissão de amar e ser amado, e Marianna amava-o com esta paixão louca que é sempre o effeito do primeiro e ultimo amor.

Ja desde muito tempo que Marianna estava sosinha, e que procurava advinhar a causa do procedimento de Monaldeschi.

Porque a fazia roubar ?

Para fugirem junctos ?

Mas elle bem sabia, que ella o acompanharia ao fim do mundo.

E nestas reflexões ella se perdia, quando o barulho de um relógio que dava horas, veio advertil-a que as horas se passavão sem que alguém viesse. Pouco a pouco foi sentindo medo, sobre tudo quando reconheceo que a porta por onde Landini tinha sahido do laboratorio estava fechada.

Ter-se-hia confiado demais nelle?

Seria elle verdadeiramente agente de Monaldeschi?

Ou teria seguido o seo primeiro projecto, de dar a noticia a seo pai da sua volta, e denunciar o marquez?

Estava nesta horrivel anciedade, quando ouviu um pequeno sussurro no corredor, por onde Landini tinha-se retirado. Talvez um momento antes ella corresse ao lugar donde vinha este barulho; mas por um movimento instinctivo, affastou-se a proporção, que este barulho se aproximava, e quando sentiu a chave dar volta na fechadura, occultou-se atraz da porta por onde tinha vindo. Foi extrema sua surpresa, quando ouviu a voz da rainha e de seo pai. Marianna não podia ver o que fazião, mas a parede que a separava d'elles, era pouco espessa para que deixasse de ouvir a menor de suas palavras. Parou, e as primeiras palavras proferidas por seu pai, fizeram-na tremer. Elle dizia a Christina:

— E' aqui Sra., é aqui que acharemos a prova de seo crime.

— Aqui, diz a rainha no laboratorio !

— Landini, Sra. não conhece todos os segredos d'elle, ignora que ali debaixo dos encaixes desta peça de madeira, está occulta uma porta.

A estas palavras Marianna quasi desfalleceo. Presu-



minho que seu pai hia abrir aquella atraz da qual estava escondida, deu um passo para fugir, mas um novo barulho que ouviu para outro lado do laboratorio, suspendeo-a : escutou de novo.

— Em verdade, dizia Christina, cuja voz lhe pareceo mais suffocada, sem duvida por se ter adiantado para a porta designada.... Sim, aqui está um almario muito secreto para deixar d'encerrar couzas culpaveis. Olha, Clairet, vê o que elle tem.

Houve um instante de silencio, e um momento depois Marianna ouviu estas palavras a Christina:

— Uma caixinha cheia d'ouro!... não è isso... E' avarento este pomposo marquez.... eu o sei: é um vicio, mas é um crime que procuro.

Houve ainda silencio, depois repentinamente a voz penetrante e quebrada de Clairet repetio com uma alegria cruel:

— Eil-as, eil-as....

— Da-as ca, diz Christina.

Marianna ouviu o choque de uma caixinha de ferro que se acaba de pôr sobre sobre a meza, depois estas palavras abafadas de Christina :

— E' verdade.... é verdade....ladrao! ladrao!....ladrao Monaldeschi!.... Esta caixinha é d'elle, ella tem suas armas... e tem brazão um miseravel d'estes!

A esta extranha accuzação contra um homem como o marquez, Marianna redobrou d'ouvidos.

— Então? diz Clairet.

— Oh! não é esse o seu maior crime.

— Esperai, esperai, eu inda não vi tudo.

— Marianna ouviu remechar diversos objectos com vivacidade.

— Suspende, exclamou Christina.

— Eu bem dice, que haviéis ter piedade d'elle, replicou Clairet com uma voz colerica

— Não, não, Clairet, diz baixinho Christina, eu tenho vergonha de mim, se elle for culpado, vergonha de mim, se elle fôr innocente. Não, não é possivel, porque emfim não é em caza sua que estão os diamantes.... e depois como sabias tu, que estavam em suas mãos?

(Continúa)